

Viagem de ida: Diárias

Transcrição da poesia de Jonas ao português e espanhol

Diarias - 1970-1972- Jonas Mekas

tradução: .t×t/ RIVÉRAO

edição livro: .t×t texto de cinema

/ A viagem /

O projeto consistiu na transcrição poética do livro, *Dienoraščai*, do radical cineasta e poeta Jonas Mekas. O livro de Mekas é poética de palavra e vida. Práxis da escrita encravada no campo da experiência. Poíesis. Escrita de som e sentido, silêncios. Versos são sussurros ao aberto. Ao devir, a vida a dar, à deriva, prestes a acontecer. Em Kassel, num campo de refugiados escreve seus *Idylls of Semeniskiai*, já em Nova York produz *Reminiscences*. Juntas as poéticas compõe *There is no Ithaca*. Também escreve entre 1970-72, *Dienoraščai*, por nós chamado de Diárias. Seus poemários ocorrem num limiar, num “entre”. Vácuo entre o que já aconteceu -catástrofe- e do que virá. Jonas -melhor seria chamá-lo Janus- dá a ver ambos tempos. Poesia resvala no cinema ao trazer uma memória do futuro a *história do cinema nos chega do futuro*¹. Revela o real, realiza o concreto -imagético- da palavra. Transforma a história e sua práxis de poesia numa resistência, num prazer. Isto é, numa forma possível de vida. A história de Jonas de modulação cinematográfica, fez um movimento similar ao cinema *acompanhou com afinco todas as desgraças do século XX*².

A empresa de transcriber realizada partiu do pensamento aplicado e desenvolvido em vi(d)a por Augusto, Haroldo de Campos e Décio Pignatari. Se trata do exercício da crítica via tradução, tarefa já antes sugerida por Erza Pound no ABC da Literatura.

Nesse sentido, a proposta foi a criação deste laboratório textual- residiu aqui o “que” deste projeto - capaz de empreender a tradução/transcrição da viagem de Jonas pela poesia. É sabido que viabilizar tamanha empresa resultaria num trabalho inócuo sem que se construísse uma concordância entre as partes de como se daria a transposição do texto original em lituano para o português do Brasil. Vale lembrar a clássica de Haroldo de Campos:

*“Traduzir poesia há de se criar- re-criar, sob pena de esterilização e petrificação, o que é pior do que a alternativa de trair”.*³

1 KLUGE, Alexander. 120 Historias del cine. Caja Negra: Buenos Aires, 2010. Tradução **2** KLUGE, Alexander Op.Cit. pg.183 Tradução própria

3 CAMPOS, Haroldo de. O texto como produção (Maiakovski). In. A operação do texto. Perspectiva: São Paulo, 1976.

4 MEKAS, Jonas. Letters from Nowhere. Paris experimental, 2003.

5 ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental transformações contemporâneas do desejo. Ed. Sulina: Porto Alegre, 2001.

6 VETOR, Walter. Revista Zunai, 2012 consultado em: www.revistazunai.com/traducoes/chyio_ni1.htm em 10 outubro 2013.

Jonas em sua jornada de vi(d)a optou - convidado pela vida- pelo inglês como segunda língua porém sua poética originalmente foi escrita em Lituano, que tão pouco era sua lingua materna.

*(...) I grew up speaking Papily's dialect. If I were to begin writting to you in my dialect, I don't know if you'd understand me. So there. I'll write to you in a language that is foreign to me- the standard Lithuanian that I learned in school.*⁴

O laboratório consistiu portanto, nessa ação de transcriber a partir de consensos e acordos. Os níveis do dito acordo foram definidos pela equipe de tradutores. Dita cooperação, inédita tratando-se da poesia de Jonas e pouco realizada, no sentido do campo dos poetas lituanos traduzidos no Brasil, se tornou tarefa “obrigatória”. Luta de vida, aquela de cavaleiros contra o moinho. “Vale a pena ser poeta?” (Jards Macalé). A Viagem afirma a poesia e se percebe como- aventura- viável. Talvez, até seja importante considerar a provável abertura em ambos campos, do cinema e da poesia, que pode prover. Jonas ilumina, faz presente e projeta o encontro de ambos. Traduzir o trabalho poético de Jonas é por em cheque todo o especialismo, do campo da arte e de todos os campos. Pode um homem do campo ser cineasta de vanguarda?

/ A arte ativa de traduzir /

Para a empreitada foram convidadxs uma firma de poesia - RIVERAO, e Carla Lombardo. Todxs tomados como aventureiros, navegantes sem léu nem leme na lingua-mar lituana. Cartógrafos do mapa aberto à inventar:

*“O que ele (o cartógrafo) quer é mergulhar na geografia dos afetos, e ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem.”*⁵

Tratada assim a tarefa, árdua em si, parece quase lúdica. Se transforma em *joy*, jogo de verter versos em outros. Viagem das boas, *good trip*, viagem ao dia-dia, ou seria a volta desencantada? Itaca não há. Tradução como viagem, “linguaviagem” na qual a poesia é: *“(...) uma vida/ viagem só de ida, sem saída.”*⁶



foto livro Diarias
.txt -texto de
cinema, 2019
São Paulo

No laboratório do texto ainda incluímos o tradutor do lituano, Vyt Baykaitis, tradutor do lituano para o inglês do poemário, *Dienoraščai*, que colaborou com seu belo labor. A vigência dos acordos tradutórios criados visaram unicamente o rigor no desempenho da viagem. A principio estabelecemos que buscaríamos equilíbrios (ébrios) entre os níveis fônico, morfossintático e semântico da língua de partida e de chegada.

Segundo Walter Benjamin: **“tradução é forma”**, portanto num trabalho duplo, de serventia fônica para a viagem da tradução por um lado, e pedagógico-crítica por outro, gravamos os áudios de Dovile Aleksaitė recitando os poemas em lituano.

Fica o desejo de que claro esteja a ambição singela dessa empresa; a de produzir uma viagem de campo aberto. Seu trajeto desde já **“é maravilha de tornaviagem é tornassol viagem de maravilha onde a migalha a maravilha a apara”**.⁷ Que nada a pare, impeça. Que o contrário ocorra, que se permita. Vôo ao aberto. Convite a queda, ascensão opcional. Viagem de desejo.

Se isso fosse texto de um filme se ditaria assim o “que” da Viagem... Se fosse texto do tipo roteiro de cinema -de um outro cinema americano- já que no cinema do Jonas texto deste tipo não há. E em seu filmes, ocorre também na poesia, a ação é a própria vida.

Em fim, se fosse roteiro de filme de cinema -seria sincero chamá-lo de velho cinema americano? -desse cinemas com roteiros, o mal chamado cinemão, algo assim apareceria:

EXT - PRÉDIO RUA ROCHA (Escritório da .x.t) - MANHÃ
Bixiga-Saracura- amanhecer

Se vê os tradutores (Carla, Walter, Gabriel, Diego) na janela do escritório. Eles tomam velocidade... correm e saltam...

Viagem. O começo da (...)

/ Contexto da viagem /

Nos idos de 1983, num lúcido depoimento sobre a palavra poética, Décio P. diz:

“Em um país onde ainda não se sabe qual é a norma culta, em um País de tantos falares, a palavra escrita na literatura parece não acompanhar essa inquietude(...)”⁸

Esse quadro crítico -desconhecimento dos falares e da palavra escrita desatenta- se transformou. A polifonia se intensificou, outros glosares e cantares se tornaram acessíveis. Se escreve bastante em português, o universo lusófono foi enriquecido por uma ampla gama de importantes escritores africanos revelados, portugueses desenterrados e brasileiros reeditados -Paulo Leminski é prova disso, tendo a recente compilação de seu poemário - Toda Poesia- figurando de maneira inédita entre os 10 mais vendidos durante várias semanas entre 2012 e 2013. Esses números são índice, início da mais saudável tendência: ler poesia em português. Claro era para Paulo o valor do verso, o “porquê” da poesia. Razão que, de igual forma, poderia vir a justificar o laboratório de transcrição por nós realizado:

“A poesia é o inútil, a única razão de ser da poesia é que ela faz parte daquelas coisas inúteis da vida que não precisam de justificativa, porque elas são a própria razão de ser da vida(...)”⁹

7 CAMPOS,
Haroldo de.
Galáxias. Ed.34:
São Paulo, 2011

8 LEMINSKI,
Paulo. Catatau.
Iluminuras: São
Paulo, 2011.

9 Transcrição do
filme: Ervilha da
fantasia, 1985
Dir. Werner
Schumann.

/ Tradução - traição, não /

A Viagem -linguaviagem- é empresa ligada a uma forma de trabalho, de perfil de trabalho árduo, a saber: invenção. Num corte sincrônico, se pode herdar -capital ativo, Augusto vivo!- o trato com a matéria-palavra das vanguardas, notadamente a russa e a brasileira. Esta tradição, tomada nesta viagem de forma afirmativa, traz algo todavia desconhecido- em relação ao rastro, ao legado que deixa. Tradição de vanguarda (contradição). Diverge de si e segue em transformação -vide Revista Errática, Mussarara e outras.

/ Faça a coisa certa, ou, faça o que se deve fazer /

O movimento empregado nesta viagem -a de estar trazendo primeiro a poesia e a Jonas em particular- tem a ver com a ideia praticada propriamente pelo cineasta, de trazer a tona primeiramente os vivos. Poderia ser o Tom Zé, ou o Bashô se estivéssemos no período Edo (Japão). Jonas o fez várias vezes, com Yoko, Maciunas e outros assim nada boçais. Tamaña generosidade que de modo sublime, próprio da pessoa do Jonas, o faz responder, de um jeito todo dele mas em língua estrangeira, à pergunta do porque ele fez o que fez:

- "I had no choice, I had to it." ¹⁰

Assim percebido o sabor do projeto, fica claro seu "que" de devolução, de agradecimento urgente ao cinema... a este pensar de outro modo o cinema. Caberia de igual forma- claramente não neste projeto- ter semelhante gratidão a outros poetas do cinema igualmente vivos, vizinhos: Carlos Adriano, Paula Gaitán, Júlio Bressane e Helena Inês, VIVA!

Mas se atendo (apenas?) ao Jonas, sua poética poderia ser chamada em nome próprio ao estilo dos grandes mestres chineses.¹¹ Ela é importante por ser uma forma de vida expressa via linguagem. A proposta da viagem de transcrição chama a Jonas por ter colocado o cinema à disposição do instante, por ter tornado esse saber/pensar-livre de qualquer trama- das transas comerciais e dos dramas. Chama o Jonas por ter ensinando aos vindouros fazedores de filmes a mais dura e simples tarefa, a do poeta.

¹⁰ Transcrição de palestra dada por Jonas Mekas ao lado de Luis Guerrin no CCCB, Barcelona, 2011.

¹¹ FRANÇOIS, Julien. El sabio no tiene ideas, Siruela: Madrid, 2001.

frame do filme
"Viva Jonas!"
de Ж, 2019.



Seu cinema -singularidade em si, forma de pensar- abre um campo de interpenetração no qual a poesia é a primeira convidada- logo a música via Velvet underground, e as artes visuais por Yoko Ono, George Maciunas, Andy Warhol, citando só os mais conhecidos. Yann Beauvais cineasta de outro contexto -Recife/Paris- mas semelhante luta, pensa o cineasta e seu cinema:

*"Jonas Mekas's films celebrate life. They rise up against the world's overwhelming commercialism, attempting instead to revive the pleasures of friendship, a first snowfall or the return of Spring. Mekas's genius stems from his generously including the viewer in his vision of the world, allowing us to (re)discover, in a simple image, the incredible force and necessity of poetry."*¹²

Além de seu cinema e da poesia há um forte legado deixado em vida condensado na Anthology Films Archives, feita ao lado de Adolfo Mekas e outros radicais -terá sido essa sua maior empresa ou simplesmente ter se mantido vivo?

A coleção -Anthology- de essenciais e desconhecidos filmes, foi feita assim como a boa poesia, sem fim. Uma lição aos fazedores de filmes sobre a vastidão desta forma de pensamento, o cinema:

¹² CHODOROV, PIP e LEBRAT, CHRISTIAN (org). The Walden Book, Editions Paris Experimental Re:Vair Video, 2009

*“Ele não se confunde com as outras artes, que visam antes um irreal através do mundo, mas faz do próprio mundo um irreal ou uma narrativa: com o cinema, é o mundo que se torna sua própria imagem, e não uma imagem que se torna o mundo.”*¹³

Logo, a viagem pela tradução é fulcral por ser poesia do início ao fim. A poesia: “viagem ao desconhecido” (Maiakovski) aqui é assumida como forma de vida. Vida de viagem, i.e. vida de poesia, voltaríamos assim ao ponto de partida. Mais em caracol do que em labirinto o projeto se justifica a si pelo a priori do qual parte: sem poesia não há vida.

A dimensão poética no projeto, se alia ao modo oriental de ver a poesia, um trabalho inexorável à vida. Um algo que ocorre num fluxo -ávido- junto à vida. A práxis poética de Jonas nos remete a essa ideia oriental- claro nos quase haicais nela presentes- mas principalmente pela contingência de sua escrita. “There is no Ithaca” é registro de uma vida no campo de refugiados, “*Dienoraščai*” do dia-dia da Nova Iorque dos anos setenta, escritura que opta em olhar e ver o vivo. Cinema-texto que escolhe dar uma saída aos abusos (shoah e o do capital), e celebrar a vida via palavra.

*“The miracle of poetry. Nature, people, memories. Poetry flows deep. It is a miracle. Good poetry, like nature, inspire new poetry. It’s a miracle of words.(...)”*¹⁴

Verter as poesias de Jonas ao português e ao espanhol, é voltar a esse estado, abrir-se a possibilidade de ver na poesia uma forma de provar a inextinguibilidade da vida. Há portanto o valor implícito no campo poético, mas também de grande valia -algo além da mais valia- para o campo do cinema. A razão é, obviamente a radical presença de Jonas neste campo, mas o valor do projeto da tradução reside em outro ponto. Trata-se de evidenciar uma prática de cinema livre. Um cinema do fora, cinema amador. Independente, não somente em sua forma de produção, mas independente de forma, dos clichês da forma. A empresa da tradução dá a ver isso na medida em que diz que esse cinema foi possível- ainda é - pelo que tem de poesia.

13 DELEUZE, Gilles. Cinema 1. A Imagem-movimento. Brasiliense: São Paulo, 1985.

15 FIGUEIREDO, Priscila, Revista Cultura e Pensamento. Entrevista com Hugo Giorgetti Brasília P.143-15 N.03 Dezembro, 2007

16 Blue Room (quarto azul) era o quarto em que Adolfas, Jonas e Leonas Letas viveram e trabalharam quando ainda em Kassel.

14 MEKAS, Jonas. Letters from Nowhere. Paris experimental, 2003.

17 MEKAS, Jonas. Idylls os Semeniskai. Trad. MEKAS, Adolfas, Halleluhaj Editions: Nova Iorque, 2007

*“Acho que o cinema tem que ser amador, na acepção da palavra. E a literatura dá isso- porque você pode dar aula de dia e escrever a noite. O cinema já pede um envolvimento de outra ordem(...). O Kafka pode ter publicado talvez um livro só em vida, mas já tinha constituído a obra dele. Na gaveta já é obra (...) num certo sentido é uma dádiva para o escritor ser amador.”*¹⁵

Sendo amadores no trato da tradução - amador aquele que ama o que faz- esperamos ter empreendido uma boa viagem, se não boa que ao menos tenha sido feita porque deveria ter sido feita... Que o tempo diga.

/ De Guttemberg a Jonas, ou será o contrário? /

O desafio desta edição, a aventura da transcrição, são mínimos. Pequenos esforços, irrisório, miniaturas, plano fora de foco, ou imagem fora do plano, foi o livro o objeto deste projeto.

Real empenho foi escrever os versos, editá-los ainda em Kassel, naquele campo de refugiados, sem condição alguma, no caso dos “*Idilios*”, ou na cidade-capital, no caso de “*Dienoraščai*”. Real esforço -ou simples prática- é olhar para o céu cinza, frente a um descampado marrom vivendo com mais vinte pessoas num quarto azul... e ver poesia.

*“More than a half century ago, in 1948, in The Blue Room in Mattenberg, near Kassel, I typed the first edition of Semeniskii Idiles on an old typewriter, letter by letter cutting mimeo stencils and printing one page at a time on a flat hand-rolled (not cranked!) mimeograph machine. Even Guttemberg would have appreciated this printing process.”*¹⁷

Que o livro seja acessado de qualquer forma, por qualquer pessoa, que seja capaz de tamanha façanha, viver a vida. Capaz de operar um processo não linear e assíncrono no pensamento/ vida de seus leitores -como fez Jonas inventando condições para a poesia num estado pré Guttemberg. Viver pode ser “defender uma forma”. Jonas fez isso e fez mais, ensinou que a poesia é forma de vida, e que viver é defender a vida.